

2

MARIA LÚCIA DE AMORIM SOARES (*)

**QUESTÕES E LIMITES
DA
AÇÃO DO PROFESSOR
EM
FACULDADES PARTICULARES**

ABSTRACT

The author is interested in the university teacher's acting in private colleges and she sends through the newspapers—those that define the art position in Brazilian universities - the question of how to deal with the teacher object. Picking up the sayings from several universitarian teachers, she asks about the situation of these teachers and about the existence or not of projects for a diploma either at universities or private colleges. To show the responsibility of the institutions that prepare experts in education, she concludes with an example in exact science.

RESUMO

Interessada na atuação do professor universitário de faculdades particulares, a autora encaminha através da caligrafia noticiosa de jornais - aquelas que definem o estado da arte das universidades brasileiras - a questão de como poder referir-se ao objeto professor. Apanhando ditos de vários professores universitários, indaga sobre a situação desses professores e sobre a existência ou não de projetos para a licenciatura em universidades ou faculdades particulares. Para mostrar a responsabilidade das instituições que formam profissionais da educação, conclui com um exemplo metodológico em ciências exatas.

(*) . Mestre em Geografia (USP), leciona Geografia Humana e Geografia Física na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

É a paz a paz da pomba?
Faz a guerra o leopardo?
Por que ensina o professor
a geografia da morte?
Que ocorre com as andorinhas
que chegam tarde ao colégio?
É verdade que distribuem cartas
transparentes, por todo o céu?

(Livro das Perguntas, Pablo Neruda)

"No México, ministros debatem crise no ensino universitário" era título de notícia na Folha de S. Paulo, em 25 de julho de 1.988. O corpo da notícia trazia explicitado que a "crise que as universidades latino-americanas enfrentam", bem como os "desafios da educação superior para o ano 2.000" eram os temas centrais do encontro dos Ministros de Educação e Cultura dos países pertencentes ao "Grupo dos Oito", Brasil, Argentina, Colômbia, México, Panamá, Peru, Uruguai e Venezuela.

Já em meados de julho/88, realizava-se, no Campus da Universidade de S. Paulo, a 40ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciências - S.B.P.C., com um tema que, segundo as estatísticas, agradou a 91% dos participantes: "Retomar, reerguer, reabilitar. . . a Universidade", e que, além de simpósios e mesas-redondas para tratar do futuro da universidade brasileira, da qualidade e relevância do ensino, de pesquisa e extensão da universidade, foi concluída com uma exposição de Florestan Fernandes sobre "Diretrizes para a Educação Nacional", na qual o professor/deputado defendeu a necessidade de se fazer a "revolução nas escolas" de todos os graus.

Antes, no início de julho, na Universidade Estadual de Campinas, aconteceu o Seminário "Brasil, Século 21" (4/7 a 8/7/88), com a presença, entre outros, de "pensadores" como Alain Touraine, Perry Anderson,

Alessandro Pizzorno, Alexandr Zinoviev e Edgar Morin, para a discussão da crise das filosofias modernas - liberal, marxista e funcionalista, com a conclusão de que "agora não há mais lugar para a utopia". Paulo Renato Costa Souza, reitor da UNICAMP, informou à imprensa, ao término da semana, que o seminário "pareceu usado" porque não temos mais a capacidade de promover eventos desse porte. Eu achei que a realização era a única solução para sair do marasmo. Para empatar, chamar a atenção e despertar. Do choque surgirá a consciência a respeito dos problemas... O que interessa mesmo é a repercussão extracampus das idéias apresentadas. Fiz uma pesquisa pessoal, e notei que todos aqueles com os quais conversei saíram com um volume maior de dúvidas na cabeça. Isso vai influenciar no seu desempenho acadêmico ou profissional. Aí teremos chegado ao objetivo fundamental: provocar um efeito multiplicador" (O Estado de S.Paulo, 10/07/88).

Já entre 26 e 30/07/88 estive reunido em Brasília o Conselho da Universidade das Nações Unidas (UNU), momento no qual o Reitor, o brasileiro Heitor Gurgulino de Souza, listou os programas e pesquisas que a universidade vem desenvolvendo e que interessam ao Brasil, já que nosso país, 13 anos depois de criada a universidade, tem com ela modesto nível de cooperação: "tendo recebido por dez anos, até 87, um milhão de dólares em projetos de pesquisas, não deu nada em troca, apenas agora contribuindo com 500 mil dólares para o Fundo de Dotação Operacional da UNU". Informou, ainda, que em 1989, será criado em Tóquio, sede da Universidade, um centro para estudo das atuais e futuras megálópes e São Paulo é uma das sete listadas pela UNU. O reitor destacou outros centros que deveriam interessar ao Brasil: em Macau, um instituto para especialização nas questões de software para computadores; em Viena, outro, para estudo do espaço e ainda mais outro na Venezuela, que abrigará a sede de um programa de pesquisa em biotecnologia, voltado para a América Latina. Disse o Reitor brasileiro que a UNU se propõe a reunir "os

cérebros mais brilhantes do mundo para estudar problemas contemporâneos e suas soluções" (Folha de S. Paulo, 26/07/88).

A todas essas "lutas" nacionais e internacionais soma-se mais uma que é local, comunitária: a criação da Universidade de Sorocaba, comandada por Aldo Vannucchi, coordenador municipal de Ensino Superior do Município de Sorocaba. O professor Vannucchi, em declaração à imprensa informa "que o projeto de criação da UNIVERSO é uma proposta política, sim, mas no sentido maior da palavra, pensando-se no crescimento e desenvolvimento da cidade... (Cruzeiro do Sul, 18/08/88, p.20).

Toda essa caligrafia noticiosa é para encaminhar a questão de como poder referir-se ao objeto professor, como desnudá-lo para entendê-lo, inserido que está num caos profundo, por um lado no campo que se a nônimo do trabalho pedagógico cotidiano; por outro, como intelectual que necessita dominar as leis que regem a reprodução da vida social, seja pelo lado das relações de produção, isto é, já pressupondo, a partir desse momento, a unidade do professor enquanto profissional e enquanto político. Ainda: como referir-se ao objeto professor numa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que faz de outros também professores.

Neste momento, faz-se necessário explicitar que o que vai ser dito tem apenas o sentido de setas de caminhos para se pensar junto, escritor e leitor. E é por essa razão que o dito segue entremeado de outros ditos, para tentar dizer melhor o que se tem como proposto para dizer.

Formar professores: tarefa da "Universidade"

Luiz Carlos Menezes é professor do Instituto de Física da USP, com mestrado na Carnegie -Mellon Uni

versity - Pittsburg (EUA) e doutorado na Universidade de Rensburg (Alemanha Federal).

Há anos se dedica ao programa de formação de professores de Física e é membro do Conselho Mundial da Paz. Durante o Seminário Itinerante "Dependência econômica e cultural, desenvolvimento nacional e formação de professores" realizado na USP, em 1985, o professor Menezes afirmou: "Antes de especificar mais como a Universidade deveria formar este professor, vale a pena perguntar como a Universidade tem tratado tal questão, que esforço tem dedicado neste sentido. Falamos da Universidade pública, porque o que fazem as "faculdades particulares" não merece ser sequer comentado". Completo a afirmação do professor: merece sim. Merece e carece.

Para tanto vamos identificar o professorado brasileiro, particularmente do Estado de São Paulo, em termos de estrutura de classes sociais com Perseu Abramo, jornalista e sociólogo formado pela USP: "hoje, creio que o conjunto de professores, principalmente de 1º e 2º graus, provém de duas vertentes da estrutura de classes.

Na primeira dessas vertentes, o professor ainda é uma pessoa que de certa forma sofreu um processo de mobilidade social vertical descendente. Não só porque foi proletarizado na sua cultura e na sua relação com as demais classes. Ele ainda se origina de famílias de certas camadas da burguesia, ou das altas classes médias, que, por várias circunstâncias econômicas, políticas, culturais e sociais, nas últimas décadas, vêm decaindo de status. Hoje em dia, esse professor não consegue manter muitos privilégios sociais que sua figura tinha há algumas décadas. Resta-lhe apenas, como saída profissional e como saída de inserção na vida social, ser professor, preferencialmente de 1º e de 2º graus, e, quando possível, professor da Universidade.

A segunda vertente de formação social no moderno

magistério origina-se no processo de massificação escolar inegável nessas últimas duas ou três décadas. A massificação, como se sabe, não significou a democratização do ensino ou da educação, mas gerou uma ampliação da rede de escolas que, por sua vez, aumentou as oportunidades de obtenção da qualificação escolar formal. E isso fez com que a outra parte do professorado se constituísse por caminho inverso ao da primeira. Essa segunda parte, através de um processo de mobilidade social, vertical ascendente, provém de camadas realmente populares, ou de camadas de classe média baixa.

Com muitos esforços e descaminhos, e processos às vezes discutíveis, essa pessoa chega hoje à condição de professor. Essa segunda camada - para quem ser professor significa quase o apogeu na escala de ascensão social - passa a ter, diante dos problemas da educação e dos problemas da sua corporação profissional, uma atitude bastante diferente da primeira, que se proletarizou no trabalho. A segunda camada, que talvez hoje, em certos centros urbanos do país, constitua a maioria, tem-se mostrado, de certa forma, conservadora e pouco afeita à luta por modificações e transformações na educação e na sociedade"

Qual é o atual projeto histórico do professorado de 1º, 2º e 3º graus, que têm como função a transmissão de conhecimentos e idéias para milhões de alunos? Não há !!! (a referência, é claro, é sempre ao conjunto da classe). Não há um projeto de educação nova, explícito para o conjunto da sociedade, desde que somos um país de 140 milhões de habitantes onde a educação precisa ser vista como um problema de massa, que exige soluções coletivas e democráticas.

É fundamental tomar consciências desse fato e tentar saber, como solicita Perseu Abramo, por que o professorado brasileiro está tão atrasado em relação a um projeto de reforma educacional que seja vinculado a um projeto de reforma da sociedade. Algumas pessoas

da própria estrutura oficial do ensino, que tentaram conseguir algumas mudanças nesses últimos anos encontraram resistência muito grande, por parte de professores. No momento em que discutiam formas novas de entender educação e quando certos privilégios funcionais deixariam, enfim, de existir, houve resistência. Talvez o que falta ao professor seja assumir sua consciência de classe. Como diz o professor Florestan Fernandes, qualquer mudança ou renovação tem fundamentalmente caráter político. Por isso mesmo, o professor do brasileiro tem que fazer uma clara opção política e de classe. Quem são os professores? Agentes da burguesia cooptados para conformar e enquadrar as novas gerações? Ou parte da classe trabalhadora e, portanto, devendo assumir como seus os valores da classe trabalhadora e não os daqueles que nos oprimem?

Enquanto cada um de nós não for capaz de fazer essa opção de classe - que passa por opções associativas, sindicais, partidárias, políticas, ideológicas - continuaremos ocupando postos privilegiados dentro da sociedade, um pouco às custas e um pouco sobre as costas da parte mais explorada e reprimida dessa mesma sociedade.

Qual é a situação do professor? Todo mundo conhece, mas é preciso enfatizar alguns aspectos, diz Luiz Eduardo Wanderley, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela USP, mestre e doutor em Sociologia. Assim: "o modelo econômico perverso, que foi adotado nesses últimos anos, piorou as condições de trabalho para o professor - não só o achatamento salarial, progressivo, mas as próprias condições de trabalho no campus, a deterioração de equipamentos, dos edifícios, a deterioração na própria relação entre a Instituição e o Governo - e o obrigou a trabalhar em vários empregos, vinculando-o, muitas vezes, a duas ou três instituições. Se colocarmos o professor como uma categoria mais abrangente, englobando os do 1º, 2º e 3º graus, verificamos que se criou uma acentuada es

tratificação social dentro da categoria. O professor de 1º grau acabou se tornando o lúmpen do professorado e juntamente com o professor de 2º grau não recebe condições mínimas até de sobrevivência. Mesmo na Universidade, apesar de sermos mais bem aquinhoados, também a situação é muito precária. Isto levou alguns professores a manter, nesse período, uma dedicação quase heróica, para sustentar sua motivação e sua esperança de que a Educação pode fazer alguma coisa nesse país, tentando valorizar, inclusive, o seu trabalho; mas por outro lado, uma grande maioria de professores também está desmotivada, apática e não encontra saídas. Esse é um drama que estamos vivendo, e bastante complexo. Esse professor de 1º e 2º graus não encontra perspectivas, não só na sua profissão mas dentro da sociedade; mesmo na Universidade, observa-se um sentimento de insegurança, de falta de perspectiva histórica."

Existe um projeto robusto para licenciatura, seja na universidade pública ou seja nas "faculdades particulares"? Não existe!!! Com Jorge Nagle, professor de Teoria Geral de Educação da UNESP, campus de Araraquara, chega-se a uma conclusão bastante simples: "esta é uma negligência que pode ser considerada criminosa, porque atinge todo o ideário da escola pública e gratuita, com repercussões desastrosas em toda a população - professores e alunos - que participam da escola de 1º e 2º graus", razão da própria existência da licenciatura.

Eunice Durhan informa que "examinando a rede pública, vê-se que boa parte dela é de professores formados nas escolas particulares e, diga-se de passagem, tiveram uma formação extremamente deficiente em todos os setores, especialmente no que diz respeito à competência na disciplina". Já Octavio Ianni diz que "um professor que trabalha numa escola particular é um trabalhador produtivo, e isso não é um acidente; não é uma coisa secundária, é uma determina

ção essencial no seu trabalho. Deixando de lado o problema de que ele produz lucro ou "mais-valia", o produzir algo excedente, que entre no circuito do capital nessa área, é algo que interfere decisivamente na maneira pela qual ele trabalha como intelectual. A infelicidade, a inquietação, a angústia que alguns professores sentem, em certas escolas particulares, têm a ver com essa determinação, pois o professor enquanto intelectual é frequentemente intelectual orgânico.

Há quem pense que intelectual orgânico é só aquele que está no Congresso. Não só esse intelectual orgânico, mas a maioria, senão todos, somos intelectuais orgânicos, na medida em que o trabalho que se realiza, as idéias, os valores, os ideais em questão, entram na máquina da sociedade, no jogo das classes sociais, na produção do discurso dessa ou daquela classe e, mais frequentemente, na produção do discurso do poder. Nesse sentido, em grande parte, os intelectuais que estão nas atividades de docência e de pesquisa e, mesmo em atividades técnicas, estão, por assim dizer, determinados pela condição de intelectuais orgânicos, no sentido de que entram na produção cultural ou na reprodução cultural de valores, ideais, padrões, conceitos, metáforas, imagens, propostas, projetos, planos, visões do mundo, que entram na máquina da sociedade e fazem parte do jogo das forças sociais em luta, no âmbito da sociedade, com relação à reforma agrária, habitacional, universitária, à ditadura, democracia, ao capitalismo e socialismo".

À guisa de Conclusão

Afinal, depois das pontuações todas, feitas acima, vale questionar quem somos nós? Quem é o professor universitário? É um intelectual que vai desempenhar atividades de docência e ser professor em diferentes situações, em diferentes ambientes, em escolas públicas ou privadas. Mas é necessário frisar, com ênfase, que, se o professor não tiver em si a figura forte do

cidadão, acaba se tornando instrumental para qualquer manipulação, seja ela de que ordem for. É preciso fundir os seus papéis dentro da classe de aula com os seus papéis dentro da sociedade, sobretudo numa "fa culdade particular" onde a educação é mercadoria. É necessário, no seu cotidiano, o professor ter uma consciência política aguda e aguçada, firme e exemplar para, nessa realidade, desenvolver uma nova prática, que vá além da escola.

Daí, portanto, a grande responsabilidade das ins tituições que formam os profissionais da educação. Os professores devem pretender uma visão consciente e crítico do mundo, em que conteúdos significativos se jam selecionados e trabalhados; devem desenvolver pes quisas e debater vários assuntos para que o aluno possa desenvolver um estudo independente e autônomo.

A formação do profissional da educação precisa ser seriamente revista e repensada a fim de que esse profissional seja devidamente preparado para desempenhar sua função de agente de transformação social. Princi palmente, impedir que, ao sair da "faculdade particu lar", o professor do novo professor seja apenas o livro didático.

Para finalizar serão apresentados alguns exemplos de metodologia de trabalho numa disciplina que permite ao aluno refletir sobre a relação entre uma ciência exata e os meios de comunicação utilizados em nossa sociedade com objetivo de maior consumo e lucro das empresas. Esses exemplos encontram-se no livro "Consumo e Educação em Química", do Professor Mansur Luft do Departamento de Metodologia de Ensino da UNICAMP, e foram escolhidos para revelar como a escolha de um bom livro didático pode auxiliar o trabalho docente e discente.

"O que é educar numa sociedade com um modo de produção capitalista?

Qual é o ideal de cidadão para essa sociedade?

Que indivíduo a escola deve produzir que seja adaptado a essas questões partindo inicialmente de algumas considerações: o capital só se reproduz e aumenta a partir do consumo daquilo que se produz. Portanto, o que se chama de sociedade de consumo nada mais é que a própria sociedade capitalista.

Creio que o que se espera da escola é que ela forme consumidores.

E qual o papel a nós reservado enquanto professores de Química?

Para responder a essa questão, não nos esqueçamos de dois princípios básicos da retórica, ou seja, no nosso caso o discurso veiculado pela propaganda:

1) a retórica não tem compromisso com a verdade - o compromisso dela é com o convencimento.

2) a propaganda se utiliza de nossos reflexos condicionados: sempre relaciona o produto que ela quer vender com valores, conceitos ou mercadorias altamente valorizados. Faz associações tipo: refrigerante - juventude, cigarro-carrões, iates, mulheres...

Lembrando-nos disso, vejamos como estamos trabalhando a educação em Química e como estamos formando o consumidor:

1) Quando a Anacol lançou no mercado um creme com clorofila e encarregou uma agência de publicidade de fazer a divulgação do Kolynos com clorofila, ela estava trabalhando com nossos condicionamentos.

A clorofila é um pigmento verde natural das plantas, altamente valorizado pelos professores. É através dela que as plantinhas produzem a glicose, seu alimento, e também removem o malvado do gás carbônico do ar e lançam o bonzinho do oxigênio para nós respirarmos.

Nunca se falou mal da clorofila: não dá câncer nem polui. Além disso é extremamente barata e disponível. Portanto nada mais conveniente para vender uma pasta

de dente do que colocar clorofila nela. Não importa que a clorofila não tenha relação alguma com dente ou sua limpeza.

Evidentemente a escola tem alguma coisa a ver com isso. Essa propaganda atinge mais aqueles que passaram por uma educação formal.

Vamos procurar a raiz disso.

Os livros didáticos mais utilizados têm uma característica em comum: compõem-se de um rol de informações isoladas, informações que ali estão para serem apenas memorizadas. Não se estabelecem relações entre as informações. O conhecimento é então fragmentário.

E que tem isso a ver com nosso aluno atual e futuro consumidor?

É que essa formação é dogmática, feita de verdades indiscutíveis e portanto, mais do que não científica, ela é anticientífica. Não é um curso de ciência, é um curso de fé na ciência e tecnologia.

Está formando o consumidor:

1. não crítico diante da informação;
2. consumidor de informações;
3. passivo diante do conhecimento;
4. conformista.

De qualquer forma, uma grande parte do conhecimento que passamos não se relaciona com nada. Passamo-lo na esperança que mais tarde isso se ligue a outras informações.

2) Uma segunda forma de em nosso trabalho contribuímos com a venda de produto industrializado é como utilizamos o laboratório. Vejamos um exemplo: na guerra entre os xampus cada um entra com uma arma. Um deles entrou com os papéis indicadores de pH, e a expressão tabu é: xampu com pH não alcalino. Diante des

se argumento não há o que questionar - é só comprar e usar.

Na raiz desse fato está a forma de utilizarmos o laboratório - não como ambiente de investigação, mas apenas como local de adestramento de técnicos. É isso muito mais na universidade do que no 2º grau.

O uso mágico de indicadores ácido-base que mudam de cor é então colocado como salvoconduto de um xampu.

3) Passemos a uma terceira reflexão.

A nossa vida diária está impregnada de valores, de ritos, de mitos. A expressão "cotidiano" designa a entrada da modernidade nessa vida cotidiana.

Quando dizemos que pretendemos trabalhar com o cotidiano em Química, não estamos querendo dizer para ao final da explicação ficar citando exemplos de como aqueles materiais que falamos aparecem em nossa vida. Isso seria novamente trabalharmos com informações isoladas. Não é ficar dizendo que os ésteres são aromatizantes ou que o ácido clorídrico é secretado no estômago, etc.

A reflexão sobre o cotidiano é o trabalho de fazer emergir o extraordinário daquilo que é ordinário.

E também sair, do nível da aparência, do bom senso, para o da interpretação científica. A ausência da reflexão sobre o cotidiano, da interpretação científica ou técnica daquilo que nós estamos em contato mais próximo nos faz passar por trouxas enquanto consumidores. Por exemplo: uma determinada marca de sabão em pó faz o forte de sua propaganda em cima de uma prova da janela: diante da luz solar se compara a alvura de dois lençóis. Num deles, que se pretende o melhor, é adicionado alvejante óptico, que sob o efeito da luz visível ou ultravioleta tem seus elétrons excitados e passam a emitir radiação numa faixa que

deixa o branco luminoso.

Porém, isso não tem nada a ver com limpeza, é o mesmo material das antigas pedras de anil das lava-deiras, cujo efeito é deixar o branco mais brilhante quando exposto à luz.

4) A questão ideológica.

Todos nós temos como uma das preocupações, tentar levar os alunos a visitar indústrias para que eles saibam na realidade como se dá o aproveitamento do conhecimento químico em nossa sociedade.

Tanto na universidade como no 2º grau visitamos indústrias.

Algo que me chamava a atenção era como em nossas visitas nos entretínhamos tanto com o processo de produção, com as etapas do desenvolvimento dos produtos, com os problemas técnicos e econômicos, com a questão do controle de qualidade.

E como não nos preocupávamos nada com aqueles que estavam produzindo, com as condições de trabalho, com a salubridade, com a periculosidade dos processos. Parecia que nem havia gente envolvida no processo.

E menos ainda nos preocupávamos com a questão do capital, da sua apropriação e reprodução.

E por que isso?

Por que nos identificamos mais com os proprietários que com os trabalhadores? Afinal, de que lado estão os químicos?

Para isso temos que considerar a questão ideológica. E consideramos a ideologia o processo pelo qual se inverte a realidade em função da posição que se ocupa na produção e em função dos interesses de classe envolvidos. Por isso valorizamos não os trabalhadores que produzem os bens de consumo, mas sim, o próprio bem de consumo.

5) Todo conhecimento é histórico, ou seja, produzido pelos homens num determinado tempo e em determinado espaço.

Os homens utilizam-se de métodos próprios para a aquisição de conhecimento, inclusive das ciências experimentais. São os diversos métodos científicos, entre eles o cartesiano.

Esse é um trabalho de homens em sociedade e como tal deve esse trabalho ser analisado por métodos que incluam a sociedade.

Um método que trabalhe com as contradições presentes em nossa sociedade, que mostre quem se apropria desse conhecimento, quem tem acesso a ele e que uso está fazendo dela.

Uma preocupação que vemos em muitos projetos de ensino de matérias experimentais é a de separar a ciência da técnica, reservando à primeira um papel do bem da humanidade e à segunda o papel de vilão.

Que interesse essa posição encobre?

São desenvolvimentos autônomos?

Quem financia hoje a pesquisa científica?

Tantas perguntas..."

Todas as citações de professores constantes deste artigo foram retiradas do livro "Universidade, Escola e Formação de Professores", coletânea organizada de textos por Denise Bárbara Catani et Allii, Editora Brasiliense, São Paulo, 1986, que deve ser lido por todos os professores das "faculdades particulares ". Reúne palestras realizadas durante o Seminário Itinerante: "Dependência econômica e cultural, desenvolvimento nacional e formação de professores", realizado na USP, em 1985.

Para concluir trazemos Drummond quando diz que "Educar se aprende Educando" e o Evangelho Apócrifo de

Borges, versículo 41: "Nada se edifica sobre a pedra, tudo sobre a areia, mas nosso dever é edificar como se fora pedra, a areia". Ainda : trazemos Marcos Masetto quando diz que a Universidade precisa se transformar "numa caixa de ressonância da problemática e das necessidades que está vivendo nossa sociedade, levando alguma contribuição científica séria, aprofundada, de encaminhamento e respostas a esta problemática a a estas necessidades". (Seminário sobre Ensino de Graduação na UFRGS, Porto Alegre, maio de 1987).

-----*